

O TEATRO E AS AULAS DE HISTÓRIA: POSSIBILIDADES DE EFETIVAÇÃO DAS LEIS 10.639/2003 e 11.645/2008 NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Tiago Salvador¹
tiago.sal@gmail.com

Passados mais de 10 anos de promulgação da lei 10.639/2003, que obriga a implementação dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas das redes públicas e privadas do ensino básico no Brasil. Não obstante, a lei 11.645/2008, também sancionada e chegando perto dos seus 10 anos de publicação, coloca os conteúdos da história e culturas indígenas na mesma obrigatoriedade que os das populações negras. No entanto, o não cumprimento destas leis é perceptível nas escolas da educação básica das redes de ensino. Neste trabalho discutimos o teatro como uma linguagem artístico-educativa e de caráter pedagógico no processo de ensino aprendizagem dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena nas escolas da educação básica. Para tanto, analisamos a experiência enquanto ministrante da oficina de teatro que integrou o projeto de extensão Coisas de Negros (as), Coisas de Brasileiros (as), mantido pela UEPB, Campus Guarabira, e destinado a estudantes de graduações e professores/as da rede pública de ensino. A vivência na efetivação dos saberes que formam a identidade étnico-racial dos/as brasileiros/as nos possibilitou pensar a educação como ação que prepara o cidadão para a vida. Por isso, recorreremos a arte como método, visto provocar a formação docente, sobretudo, com o uso do teatro como metodologia capaz de auxiliar professores/as em sala de aula na efetivação dos conteúdos demandados pelas leis 10.639/003 e 11.645/008.

Palavras-chave: educação, teatro, história, culturas afro-brasileira, africana e indígena.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa pretende mostrar que o teatro como uma ferramenta pedagógica se confundi com o teatro enquanto arte, no sentido mais literal da palavra. Arte e pedagogia andas juntas, logo toda prática de um fazer teatralizado nos remete a um exercício pedagógico em questão, pois ali há uma perspectiva de aprendizado e há também uma questão prática de ensino. Dito isso, venho discutir essa linguagem artística como sendo uma possibilidade para a inserção de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, por acreditar que na prática, temos na arte teatral uma questão educativa por excelência, é preciso focar objetivos.

Estaremos usando neste trabalho, ora o termo teatro, ora o termo arte para designar uma prática que acreditamos ser de alta relevância no exercício docente em sala de aula. Seja como for, o teatro educativo e os jogos teatrais será a linguagem artística que servirá de argamassa para dar sustentabilidade a essa pesquisa. A pedagogia teatral se deu através de um resultado de inúmeras discussões políticas no que se refere as tantas pesquisas do pensar a utilidade do teatro dentro da instancia escolar. Pensamos a pedagogia teatral ou o teatro educação, por entendermos a relação desta linguagem com o processo de ensino-aprendizagem.

Para tanto, estaremos trazendo relatos de minha vivencia enquanto ministrante da oficina de teatro dentro das oficinas de saberes afro-brasileiros no projeto de

¹ Estudante do Curso de História na UEPB, Campus Guarabira. Integra a equipe do Projeto de Extensão PROBEX Cota 2014/2015: “Coisas de Negros/as, Coisas de Brasileiros/as”, Coordenado pelo Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas.

extensão Coisas de Negros (as), Coisas de Brasileiros (as), mantido pela UEPB, campus III e coordenado pelo Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, onde provocamos estudantes de graduações e professores da rede pública de ensino a utilizarem os jogos teatrais em sala de aula. Apresentamos os jogos do teatro do oprimido de Augusto Boal.

Em especial, trazer a possibilidade de utilização do teatro e dos jogos teatrais para a inserção das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e dos povos indígenas na educação básica brasileira.

A LINGUAGEM TEATRAL E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

O fazer teatral nos leva a pensar os diversos elementos que compõe essa linguagem artística. Concomitantemente, todas as bases da arte teatral estão diretamente ligadas ao desenvolvimento de uma área de ensino. A saber, esses elementos advindos dos valores vigentes na prática do teatro, que podem ser difundidos por completo no indivíduo ou seu aprendizado pode ser em parte, sendo que o aluno absorve apenas alguns desses elementos, estão dentro das habilidades pedagógicas oferecidas por essa arte. Elementos como o desenvolvimento da comunicação, da leitura dramática, da vivência dos personagens, da história contada e vivida pelos alunos, deixa aberta a possibilidade de um eficaz encontro entre os saberes e a aprendizagem, ou seja, entre o ensinar e o aprender. Sendo assim a “representação por meio da ação dramática ou teatral pode ser um aliado na situação de ensino aprendizagem” (DEZOTTI, 2006). Dessa perspectiva posso afirmar que o aluno em contato com a ação dramática está sendo formado para a criticidade através de uma leitura de mundo e a partir dos conteúdos implícitos na ação (2006).

Sendo assim, é notório a eficiência da linguagem teatral como uma aliada metodológica na inserção de conteúdos de história pois, a mesma, proporciona caminhos para que, em curto prazo, os objetivos do ensino de história sejam cumpridos, sendo esses objetivos em acordo com o que orienta os Parâmetros Curriculares Nacionais para a disciplina de história, e a abrangência desse aprendizado seja, também, visível na ação do aluno dentro e fora da sala de aula.

O docente é um comunicador por excelência. Mas, nem sempre existe uma comunicação entre ele os seus alunos... A comunicação consiste na compreensão do que se diz, ou do que se quer dizer em um diálogo entre o emissor (professor) e o receptor (aluno). A linguagem teatral se coloca entre esses agentes para que ocorra a comunicação de ensino e de aprendizagem no âmbito da educação, pois é uma possibilidade para que o conteúdo venha a fluir de modo em que a aprendizagem ocorra, o teatro se coloca como uma ferramenta interessante para esse processo, uma vez que o mesmo vem trazendo uma bagagem de valores em diversas habilidades que podem ser trabalhadas junto aos alunos durante a execução do conteúdo (elementos esses já mencionados neste trabalho) pois, como nos é colocado na pesquisa da Clara Beatriz da Silva Dezotti, na publicação “O Teatro como meio de comunicação...”:

A linguagem teatral constitui-se como um canal entre o professor, o conjunto de conteúdos e os alunos, que podemos comparar, na relação comunicativa, a receptores destinatários que decodificarão a mensagem emitida, atingindo os objetivos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o desenvolvimento das linguagens e da formação artística e estética dos alunos. (DEZOTTI, P. 22, 2006).

O ensino aprendizagem é o processo pelo o qual é estabelecido uma relação do aprender entre o professor e o aluno e vice-versa. O aluno aprende os conteúdos vistos em sala de aula, o professor que transmite esse conteúdo também aprende no ato do ensino. O aluno com sua visão de mundo contribui para a afirmação dessa aprendizagem por ambas as partes e conseqüentemente, colabora para a sua própria aprendizagem. Por isso o professor que utiliza a linguagem do teatro em sala de aula, não precisa ter nenhum domínio pleno dessa arte, mas apenas entender a importância dessa ferramenta na construção dos saberes.

Há na prática do ensino do professor uma metodologia aplicada, de modo que o mesmo busca transmitir em sua sala um determinado programa que lhe é cobrado “colocar” aos seus alunos, este programa, em especial para as aulas de história, não pode estar atrelado apenas a essa cobrança de gestão em se aplicar o conteúdo, mas relacionada diretamente à formação cidadã, na afirmação em contribuir para a construção dessa realidade, a de reaver um ser humano preocupado com o meio em que vive, formando assim, um contribuinte para um mundo melhor. “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996). Ensinar é viver o que se diz, transmitindo o que se sentiu... é tornar prático e importante o conteúdo estabelecido. É fazer a eficiente ligação entre o que se sabe, o que se ensina e o que se aprende, tendo em vista um programa de história que certamente está associado a vida de quem ensina e também de quem ouvi o que é ensinado.

Aprender é uma construção crítica que desperta uma curiosidade sob o que se é ensinado, em outras palavras, é abrir as cortinas que tapam nossas certezas e revela as dúvidas que nos farão conhecer verdadeiramente o que nos é exposto pelo professor. Nisso consiste a importância da percepção de ambos os termos ensina e aprender. O ensino aprendizagem é uma perspectiva de construção de um ensino eficiente e de um aprendizado que está acontecendo. O processo do aprender está diretamente ligado as questões do ensino, ambos se completam.

Ensinar inexistente sem aprender e vice e versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – e depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade de ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 1996).

A objetividade da inserção da linguagem do teatro no trabalho aos conteúdos de história, se confundiu com a conceptualização do ensino aprendizagem colocado pelo educador Paulo Freire, uma vez que, o ensino aprendizagem é uma relação mútua entre quem ensina e quem aprende, levando em consideração saberes prévios na inserção de um conteúdo em sala de aula. Não obstante, o teatro é uma brincadeira de vivências sob saberes de um conteúdo proposto, na perspectiva de abrir lacunas e possibilitar o complemento ou mesmo, a construção do saber, através de seus jogos corporais, de linguagens, de temas, ou até mesmo de montagens de pequenos esquetes teatrais... Essa prática é o que leva o aluno a pensar o conteúdo trabalhado, a ter contato prático e sensitivo com o que é transmitido em sala de aula, permitindo que o aluno possa transformar aquele conteúdo numa linguagem artística eficiente a execução e, por fim, trazer a comunicação teatral da dramaticidade do saber em questão.

Assim, o Projeto de Extensão “Coisas de Negros/as, Coisas de Brasileiros/as”, coordenado pelo Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas, e executado no campus III da Universidade Estadual da Paraíba, junto a estudantes de graduação e professores/as de escolas públicas de ensino, tem o objetivo de trazer a cena novos professores/as que levem para suas salas de aula a discussão necessária, explícita nos conteúdos do ensino de história, no combate ao racismo e a outras formas de preconceito, fazendo acontecer o ensino aprendizagem de modo que sejam multiplicadores no enfrentamento dessas e outras problemáticas sociais. Nessa feita, a perspectiva de inserção da metodologia artística fora apontada como ferramenta eficiente para auxiliar o professor na execução desses conteúdos e, tendo vista os objetivos em questão. A linguagem teatral é apontada como uma dessas manifestações artísticas contribuintes para o ensino aprendizagem em sala de aula, pois o teatro pedagógico se caracteriza por ser “um canal eficiente para a transmissão da mensagem/conteúdo programático escolar” (DEZOTTI, 2006), e para a formação cidadã de indivíduos, sendo a pedagogia teatral uma opção de peso na luta por um ensino de qualidade, o qual ainda almejamos alcançar, e também na luta pela inserção da lei 10.639/2003 e 11.645/2008 que reconhece e obriga a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana em sala nos programas curriculares das escolas de educação básica do Brasil.

A PEDAGOGIA DO TEATRO E O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA: POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS

Sabemos o quão desafiador é a educação em nosso país. Métodos e técnicas de ensino são pensadas para sanar problemáticas que a tanto tempo coloca a educação brasileira numa posição de desconforto, quanto aos resultados negativos que presenciamos. A proposta da inserção da arte, em especial da linguagem teatral, no programa de ensino das escolas, se apresenta como uma eficaz ferramenta nesta luta (como já discutido anteriormente neste trabalho). Não obstante, os problemas de exclusão social são frequentes entre os alunos, o que vai colocar, ainda mais, obstáculos no caminho em que se almeja um sistema educacional de excelência no Brasil.

As disciplinas de humanidades, a de história em especial, vem com uma carga diferenciada no combate a tais problemáticas. Uma vez que o programa não é o mais importante na emenda desta disciplina, e sim todas as informações que formam o pensamento crítico no aluno, a partir de conteúdos que falam não apenas da sistematização do que se ler, mas, nas traz à tona as reflexões contidas nas entrelinhas dos saberes prévios dos alunos.

A Pedagogia Teatral é aliada da história na busca pelo prazer em aprender, conseqüentemente e, de uma forma espontânea, essa junção contribui para a desconstrução de preconceitos diversos arraigados nas práticas dos alunos e que aparecem nos conteúdos de história no currículo escolar.

Adentrando um pouco mais as discussões acerca da Pedagogia do Teatro, é importante colocar que a mesma, visa despertar o interesse em aprender, por parte dos alunos, através da ação dramática e dinâmica que a linguagem do teatro proporciona. O teatro enquanto pedagogia desperta, também, a curiosidade em relação ao tema/conteúdo em que se está trabalhando, propiciando um ambiente recreativo numa perspectiva intelectualizada do aprender e fazendo da sala de aula um espaço de criação e produção de saberes. Sendo assim, na pesquisa intitulada *o teatro como instrumento pedagógico para o ensino de física* das autoras, Francisca Tercia da Silva e Akailson

Lenon Soares da Silva, percebemos a clareza do caráter pedagógico do teatro, quando elas colocam que:

Na tentativa de tornar o ensino mais dinâmico e interativo, o teatro apresenta-se como ferramenta lúdica de aprendizagem por meio das suas diversas interpretações de ensino para as mais diferentes abordagens conceituais, oferecendo opções para que os expectadores (alunos) possam entender o mundo que os rodeia, através das ações pedagógicas necessárias para todo o desenvolvimento das encenações. (SILVA in SILVA, 2013).

Essa questão se aplica ao ensino de história, numa perspectiva em auxiliar o professor na inserção dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana no âmbito da sala de aula e em acordo com as leis 10.639 de 2003 e a lei 11.645 de 2008.

Ensinar história exige do professor um preparo intelectual e que ele seja isento de perspectivas subjetivas quanto a temáticas de abrangências universais, como coloca a pesquisadora Cláudia Pereira Vasconcelos em sua pesquisa, *o teatro como linguagem e fonte no ensino de história*, ela defende que “o nosso papel como professor é importantíssimo no sentido de despertar o interesse e a análise crítica da História” (VASCONCELOS, 2011), essa objetividade do ensino de história pode ser proporcionada pela inserção do teatro na execução dos conteúdos programáticos em sala de aula. Mas também, para trabalharmos temas de importante relevância social/cultural que diz respeito a história das populações negras e indígenas e que contribuíram diretamente para o processo de formação cultural da humanidade, sobretudo os negros, vindo da África, berço da humanidade. No entanto, na busca por métodos de ensino que trabalhe de modo eficiente a inserção dessa história “...faz-se necessário construir novas pontes de comunicação com os estudantes, utilizando o corpo, os sentidos como meio de aprendizagem” (2011), e essa perspectiva precisa estar na prática e nos métodos desenvolvidos pelos cursos de licenciaturas de história pelo Brasil, uma vez que, é na formação de professores que se têm um contato crítico direto com as nossas concepções de mundo e que nos fazem a priori, refletir e (re) pensar as nossas práticas em sala de aula. No próximo capítulo discutirei relatos de minhas experiências, enquanto ministrante da oficina de teatro no Projeto de Extensão “Coisas de Negros/as, Coisas de Brasileiros/as” da UEPB Campus III, junto a estudantes de graduações e professores/as da rede pública de ensino.

PROJETO DE EXTENSÃO “COISAS DE NEGROS (AS), COISAS DE BRASILEIROS (AS)”: VIVÊNCIAS DE JOGOS TEATRAIS NA FORMAÇÃO DOCENTE.

Há muito tempo que as populações negras vêm enfrentando diversas formas de preconceitos no mundo. O Brasil é o país da diversidade cultural, pluri e multi racial, logo, esse reconhecimento não se dá na prática, onde vimos negros e índios sendo deixados às margens de um reconhecimento humano.

Essa problemática está presente também na educação. E talvez essa seja a maior das problemáticas, uma vez que a educação é a possibilidade transformadora do mundo em que se vive. É dever da educação preparar o indivíduo para a vida, respeitando a todos como cidadãos sem acepção de pessoas, sejam elas indígenas, negras ou de qualquer que seja a sua opção sexual. Porém na escola, antes da promulgação da lei 10.639/2003 as exclusões das pessoas negras eram evidentes, pois os currículos não traziam suas histórias e culturas que são as nossas histórias e nossas culturas.

Os movimentos sociais surgem, entre eles, os movimentos negros, onde reivindicavam a necessidade em se estudar a África e a história e cultura das populações negras no currículo escolar, pois a “África é uma das matrizes da formação cultural do Brasil, mas pouco ou quase nada os brasileiros estudam e sabem sobre esse continente” (CHAGAS, 2015). Até a partir do ano de 2003, depois de muitas reivindicações dos movimentos de políticas afirmativas, veio o então reconhecimento dessa perspectiva com a promulgação da lei 10.639/2003 que passou a obrigar as escolas da educação básica do Brasil a inserir em seus currículos os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana.

Mesmo com as referidas leis sancionadas, ainda percebemos que as escolas se detêm a uma educação eurocêntrica, ou seja, que ainda trabalha nos moldes da base onde se alastrou o projeto de exclusão de populações negras e entre outras. A “escola deve constantemente refazer o currículo escolar” (2015).

O projeto de extensão Coisas de Negros/as, Coisas de Brasileiros/as surge nesse contexto, de fazer valer a lei que tornou obrigatório o reconhecimento da África como berço humano no âmbito da educação básica no Brasil, colocou também os Índios no mesmo patamar de importância e obrigatoriedade em outra lei posterior.

Nesse sentido, o Projeto de Extensão denominado “**Coisas de Negros (as), Coisas de Brasileiros (as)**” é uma iniciativa da UEPB, através do Departamento de História do Centro de Humanidades, Campus de Guarabira, cujo propósito é colaborar com a formação de professores/as nas áreas de História, Geografia, Letras e Pedagogia na perspectiva de que sejam agentes multiplicadores de ações de enfrentamento e combate ao racismo na sociedade e em especial na sala de aula. (CHAGAS, 2015, P. 08)

O projeto é desenvolvido no campus desde o ano de 2012, sempre mantendo seus objetivos de formar futuros professores preparados a enfrentar as problemáticas em questão.

No ano de 2015, o projeto trouxe uma proposta de inserção da linguagem artística em sua metodologia de trabalho, de modo a “chamar a atenção dos estudantes de graduação para a diversidade de culturas que compõe a escola, a sala de aula e a sociedade brasileira” (2015).

As linguagens artísticas desenvolvidas no projeto foram trabalhadas em formas de oficinas de saberes afro-brasileiros, que eram oferecidas aos estudantes e professores participantes do projeto. As linguagens artísticas colocadas nas oficinas foram: Oficina de Teatro de Bonecos; Oficina de Teatro; Oficina de Artes Plásticas; Oficina de Música e Dança.

A Oficina de Teatro fora ministrada por mim, onde trabalhei a inserção de jogos teatrais no âmbito da inserção de conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana.

A oficina de teatro se deu em três encontros, aos sábados, das 08:00h às 12:00h, nos dias 30 de maio, 06 e 13 de junho. A experiência se deu com a execução de jogos teatrais e inserção da linguagem teatral como possibilidade para a inserção das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na trajetória acadêmica/docente dos participantes da oficina.

Apresentei aos presentes os jogos teatrais do brasileiro Augusto Boal, como ferramenta para que os mesmos levem para as suas salas de aulas, assim como, trouxe aos alunos a minha própria vivência enquanto ator, na minha opção em trabalhar um teatro comprometido com as raízes da cultura popular e um teatro amado.

Trabalhamos na oficina as vertentes do teatro como uma ação verdadeira e não como uma representatividade, apenas. A verdade no teatro consiste na própria definição

do termo, segundo Augusto Boal quando diz que “teatro é algo que existe dentro de cada ser humano e pode ser praticado na solidão de um elevador...” (BOAL, 2008). Nessa definição consiste a credibilidade de Boal em trabalharmos o teatro do oprimido em sala de aula, uma vez que oprimido foram as populações deixadas as margens de políticas públicas de direito, como as mulheres, os negros, índios, gays... logo esses jogos, além de trazer a ludicidade na inserção de conteúdo, propicia a construção de um saber vivenciado e sendo assim, verdadeiro, assim como, ajuda na desconstrução teórica/prática das tantas formas de preconceitos vigentes na educação. Sendo assim, “A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial (2008).

Trabalhamos na oficina o jogo teatral do “Hipnotismo Colombiano” (BOAL, 2008, P. 91) que consiste no domínio de um ator/aluno com uma de suas mãos a pouco sentimentos do rosto do outro ator/aluno, ao som de uma música. Este exercício leva o aluno a entender na prática e na vivência como se dá o sentimento em dominar alguém ou algo dentro de um contexto histórico, pois trazemos o jogo para a situação de vida dos negros que viveram no período do Brasil Colônia. O jogo seguia até que havia uma troca, quem oprimia/dominava agora estava na condição dominado, os papéis se invertiam.

A reflexão desse jogo é diversa. Enquanto o aluno executa os exercícios o professor de história vai trazendo numa exposição dinâmica, o conteúdo programático do currículo da disciplina. Depois pode haver uma roda de conversa e a troca de ideias sob o conteúdo em questão com a mediação do professor.

Outros jogos do teatro do oprimido de Augusto Boal foram trabalhados durante os encontros no projeto de extensão. Todos visavam a facilitação da metodologia do professor em sua prática docente, oferecendo a linguagem do teatro e dos jogos teatrais como uma possibilidade de inserção de conteúdo dentro ou fora da sala de aula, entendendo o teatro, não como um exercício sistematizado que requer um estudo aprofundado para a sua prática, mas como uma linguagem de fácil execução, por estar presente em nosso cotidiano em nossa prática espontânea. Sendo assim, essa ferramenta pode ser utilizada sim, na metodologia do professor em sala de aula, por que teatro é algo existente dentro de cada um e pode ser prática em diversos lugares, inclusive dentro dos teatros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo processo de um fazer artístico pedagógico precisa estar atrelado a uma vivência humana presente na relação conteúdo/aluno e aluno/professor. A abordagem do teatro enquanto proposta pedagógica nos levar a pensar métodos que possam servir na execução de melhorias em nossas práticas de ensino. A linguagem do teatro e os jogos teatrais se coloca como uma possibilidade de inserção de conteúdos no âmbito da sala de aula.

Durante a minha vivência como ministrante da oficina de teatro no curso de extensão Coisas de Negros (as) Coisas de Brasileiros (as), a experiência do aprendizado através do teatro é diversa, sendo que os próprios participantes colocaram que a ferramenta é essencial para o trabalho curricular na escola. Essa inserção passa por um processo criativo humanizado, fazendo um diálogo entre a teoria e prática dos conteúdos programático, como aponta o Elson Franco em sua reflexão acerca de Gilberto Icle, quando coloca que:

Icle (2010) destacou a situação pedagógica, principalmente a experiência vivenciada nos processos criativos vinculados ao fazer teatral, como ponto de partida para a sua reflexão sobre a contribuição que a pedagogia

do teatro pode oferecer na humanização dos sujeitos que a praticam, e, conseqüentemente, para a educação (FRANCO, 2004).

Nisso consistiu minha prática durante essa vivência. Trazer os jogos do teatro do oprimido de Augusto Boal (2008) numa perspectiva de inserção das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

As montagens dos jogos teatrais podem acontecer em sala de aula, desde que os alunos não sejam obrigados a participar diretamente, esse processo precisa acontecer de uma forma espontâneo, assim como a inserção do conteúdo proposto e a fruição dos saberes são surgindo, numa aula onde o teatro conduz a espontaneidade do aprendizado mútuo, possibilitando de fato um ensino-aprendizagem de qualidade.

REFERENCIAS

BATISTA, Danilo H. *O uso do teatro no ensino de história*. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB nacional [recurso eletrônico]: *Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. 11. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

CARDOSO, Maria Abadia. *Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor*. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2007. Vol. 4 Ano IV nº 2 ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br.

CHAGAS, Waldeci Ferreira, *Projeto de Extensão: “Coisas de Negros (as), Coisas de Brasileiros (as)”*. Guarabira: UEPB: PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX, 2015.

DEZOTTI, Clara B. S. *O Teatro como meio de comunicação: Um estudo sobre a utilização do tableau na Proposta Pedagógica de Arte do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo*. Marília: Universidade de Marília. Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo. 2006.

FRANCO. E. O. *Entre o jogo e o cômico: uma possível metodologia para a Pedagogia Teatral*. In: SÁ. A.V. M. *Ludicidade e suas interfaces*. Brasília: Liber Livro, 2013.

FRANCO, Elison Oliveira. *Por uma pedagogia teatral cômica: kk k k ? K k k k*. Brasília: Unb: Instituto de Artes Departamento de Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Arte. 2014.

FREIRE, P. (1921-1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996.

KIKUTI, Sheila da G. S. *Abordagens pedagógicas do teatro na educação*. V Seminário Nacional de Literatura, História e memória: Figurações da nacionalidade no texto literário. Outubro de 2005.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

MARCHI, Darlan de M. *Representações sociais, teatro e ensino de história: um diálogo possível*. Anais do X Encontro Estadual de História. Brasil no Sul: Cruzando Fronteiras entre regional e o nacional. UFSM – RS. 2010.

NEVES, Libéria Rodrigues. *O uso dos jogos teatrais na educação: uma prática pedagógica e uma prática subjetiva*. Faculdade de Educação da UFMG Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. Belo Horizonte, 2006.

PESSÔA, Jaciara Maria de M. *Leis 10.639/03 e 11.645/08: (re) construindo a história afrobrasileira e indígena*. Anais do IV Colóquio de História: abordagens interdisciplinares sobre História da sexualidade. Novembro/ 2010. UNICAP.

República Federativa Brasileira. *Diário Oficial da União*, ANO CXI, nº 08, Seção 1. Brasília: Gráfica da imprensa nacional. 2003.

República Federativa Brasileira. *Diário Oficial da União*, ANO CXLV, nº 48, Seção 1. Brasília: Gráfica da imprensa nacional, 2008.

SALVADOR, Tiago. *O teatro educação: perspectivas de implementação dos conteúdos de história e cultura afro brasileira e africana na sala de aula*. Anais da I Semana de História: Práticas docentes e diálogos interculturais – Centro Acadêmico de História, CH – UEPB. 2015.

SILVA, Francisca T. SILVA, Akailson L. S. *O teatro como instrumento pedagógico para o ensino de física*. Caderno de física da UEFS 11 (01 e 02): 43-55, 2013.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *O teatro como linguagem e fonte no ensino de história*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.